

Iconografia e o ensino da História Colonial do Brasil no século XVII

Charles Nascimento de Sá
Mestre em Cultura, professor DCHT, Campus XVIII, UNEB¹
charles.sa75@gmail.com

Dionatan Felipe
Graduando em História, Campus XVIII²

Resumo: o artigo faz uma análise dos documentos iconográficos sobre o Nordeste brasileiro, pintados no século XVIII, com destaque para Franz Post, apontando as possibilidades de uso na sala de aula. Aborda as formas como cada imagem pode ser interpretada pelo professor, tornando assim suas aulas mais significativas para os alunos. Ao mesmo tempo, esse texto encaminha olhares e interpretações sobre a América portuguesa, a presença lusitana e a mistura de povos e culturas que engendraram a gênese da sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Franz Post, documentos, imagem, ensino, América portuguesa.

¹ Artigo realizado com o apoio da Universidade do Estado da Bahia/ UNEB, no Projeto de Extensão: Ensino de história através de imagens, realizado no Campus XVIII, Eunápolis/BA.

² Bolsista do projeto. Agradeço a Ciro Lins, ex-bolsista, por sua contribuição ao texto.

Compreender os períodos históricos e transmiti-los aos educandos torna-se uma tarefa complexa para o professor contemporâneo. É preciso que os profissionais estejam atentos às novas tecnologias e as novas interpretações oriundas de estudos mais aprofundados. Deve o pesquisador procurar deixar de lado o seu viver, o seu contexto histórico e agir antropologicamente posicionando-se como um indivíduo que interpreta e busca compreender o que cada signo representa para a comunidade no período estudado.

Para tanto é necessário que o educador esteja em constante atualização historiográfica e atento à utilização de recursos variados como ferramentas para a construção do conhecimento. Além disso uma boa aula deve ser conseguida a partir de uma dinâmica em que o profissional de educação desperte em seus alunos a curiosidade e o desejo de saber, de conhecer o novo. Em sala de aula muitos são os dilemas vivenciados pelos professores. Utilizar ferramentas diversas (como filmes, músicas, documentos escritos, romances, documentários, dentre outros) traz melhorias para o ensino.

A iconografia como ferramenta analítica/interpretativa para a ciência histórica torna-se bastante relevante para o professor, pois permite a análise de determinados períodos ou momentos, possibilitando um estudo rico, já que as formas iconográficas produzidas são carregadas de significados.

Sejam as imagens, a arquitetura, objetos, vestuário ou representações iconográficas todos buscam retratar um tipo de discurso ou um imaginário. Pinturas e quadros nem sempre representam a realidade, já que o autor pode estar ou não diretamente ligado ao tempo que sua obra foi produzida, afinal:

Todo texto é produzido em um lugar que é definido não apenas por um autor, pelo seu estilo e pela história de vida deste autor, mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor, e através dele no texto, sem que disto ele se aperceba (BARROS, 2005, p. 133).

A iconografia na história brasileira é permeada por diversos fatores e singularidades, que podem trazer para os espectadores contemporâneos outros significados para as obras que chegam até eles. Por isso, faz-se de extrema importância que o historiador busque entender o

período e procure compreender o que cada signo representava para a sociedade analisada. É preciso também entender que a dinâmica de produção de um determinado objeto sempre reflete os valores, as opiniões e as angústias de quem o fez e do tempo em que este viveu.

O período colonial é um dos momentos em que podemos compreender e estudar através de imagens. Época de intensas e constantes mudanças, com a construção de um espaço cultural e econômico pautado na constituição de uma sociedade que objetivava refletir, na maioria dos aspectos, a sociedade lusitana do período. A construção de uma Nova Lusitânia foi o empreendimento dos mais seguidos pelos portugueses que aqui vieram depois da chegada da esquadra cabralina (MELLO, 2000)

Quando, por exemplo, se busca trabalhar as relações sociais estabelecidas na colônia, a utilização da iconografia torna-se significativa, principalmente por promover um novo olhar sobre a realidade da época. A análise minuciosa do período permite compreender que os que aqui se instalaram, *a priori*, carregavam em si todo o espírito e a ideologia dominante européia contrapondo o modo de vida já existente. Implanta-se desse modo um sistema étnico/cultural que busca reproduzir o seu “antigo” meio social, no qual só haveria “espaço” para um restrito grupo. Os demais grupos, como índios, negros e mestiços estavam destinados à servidão e a castração de seus direitos morais e culturais em benefício da empresa européia nos trópicos.

Nesse contexto, a conquista do Nordeste pelas tropas holandesas colocou um novo ponto no processo de construção do empreendimento colonial europeu. Com os batavos deslocaram-se para cá pastores, judeus, comerciantes, banqueiros, soldados, artistas e uma elite que, em especial durante o governo do conde Maurício de Nassau, ampliou a visão que os habitantes do Velho Mundo tinham da América. Entre os artistas que para cá vieram encontrava-se Franz Post. Seguidor da escola clássica holandesa e um dos representantes do Renascimento nesse país, ele retratou em suas telas aspectos da sociedade e da natureza local. Pessoas, casas, paisagens, construções foram por ele retratados no período que aqui viveu.



Figura 1: Engenho, de Franz Post.

Fonte: <http://www.mestresdapintura.com.br/loja>

Tal fato apontado no parágrafo anterior pode ser mais bem visualizado na figura 1. Intitulada Engenho, é possível analisar aspectos tanto da conjuntura econômica como elementos religiosos – o engenho e a igreja ao fundo -, mas aqui, nos interessa os indivíduos que se destacam do lado inferior direito. Nota-se um grupo de indígenas a conversar. Cestos encontram-se nas cabeças e no chão. No entanto, aqui destaca-se um outro item: pode-se perceber nesse grupo, indivíduos (homens) com apenas uma parte do corpo coberta. As mulheres, porém, estão vestidas do alto a baixo. Aqui se abarca como a cultura e a catequese européia, vinda com os colonizadores foram incorporadas pelos grupos indígenas da América portuguesa.

Tal imagem evidencia o complexo cultural que a colonização trouxe aos habitantes da América tropical. Valores outros, que não aqueles que os indígenas dominavam, era uma maneira de se conseguir intervir mais diretamente na vivência desses indivíduos. Pela cultura e metamorfose de suas crenças e valores seria possível aos colonizadores dominar e engendrar junto aos povos indígenas sua empresa mercantil.

A imagem também deve ser utilizada pra salientar como a presença européia modificou a natureza local ao inserir ai casas, engenhos, capelas – junto com uma nova religião – novas formas de relações de produção em uma dinâmica que a tudo recriou e mesclou. A hibridização cultural, constante na elaboração de toda sociedade e cultura

brasileira, salienta-se nessa imagem quando percebemos que mesmo utilizando-se da indumentária européia os indígenas usam cestos de cipós produzidos por eles próprios ou por seus pares.



Figura 2: Casa de fazenda por Franz Post.

Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>

A partir da figura 2 torna-se interessante uma pequena discussão a respeito de um binômio que durante muito tempo ficou famoso no estudo do passado colonial brasileiro e que ainda hoje é usado em debates, estudos e no ensino: a casa grande e a senzala. O uso desses dois modelos para elucidar e explicar o passado colonial e escravista no Brasil, bem como nossas mazelas contemporâneas, teve em Gilberto Freyre o seu grande expoente. Claro está que muitas das coisas que se dizem hoje, algumas das quais tão sem sentido, não são frutos dos estudos desse grande erudito. A questão é que se cristalizou no Brasil a idéia de que a casa grande seria uma construção única e sem mudanças ao longo do tempo.

De tijolos, com uma enorme área, simbolizando o poder e o status de seu dono, seria a casa grande um verdadeiro “castelo” medieval, em que o senhor todo poderoso comandaria a vida de seus subalternos. Já a senzala seria uma espécie de paiol, em que os escravos viveriam tais quais animais domésticos³.

Ora, a figura 2 revela justamente uma característica do conhecimento histórico que jamais deve ser descartado em sala de aula: as mudanças e permanências no tempo. Essa imagem mostra uma casa grande no século XVII e ai pode-se perceber que ela em nada lembra as grandes construções que estudiosos e professores costumam transmitir aos seus alunos. Nela enxerga-se uma construção feita de tábuas, barro e alguns tijolos. Assim pode-se entender que a casa grande não foi uma construção imóvel no tempo, ao contrário, ela acompanhou a dinâmica da sociedade, representando-a.

Dessa forma à medida que se avança a técnica de construção, da mesma forma que a sociedade aumentava em contingente populacional, em que a economia crescia, cidades e vilas floresciam e a colônia assumia ares de principal eixo econômico do Império Marítimo Português (ALENCASTRO, 2000) as edificações em solo luso-brasílico iam também adquirindo nova arquitetura.

Dessa forma, salientar que as casas grandes nem sempre foram as construções imponentes e grandiosas que se apresentam em livros e em alguns estudos encaminha o aluno a entender a história como um processo contínuo, olvidado por elementos sociais, políticos, econômicos e culturais. Representa assim os esforços e ações do homem no tempo e no espaço.

Durante os séculos XV e XVI, o Brasil passava por uma tentativa de amoldamento por parte dos colonizadores, que buscavam veementemente trazer para os trópicos aspectos da cultura lusitana na tentativa de fazer do Brasil um imenso Portugal. Para tanto mantinha seus modos de vida, alimentar, estético e moral. E mesmo tendo conhecimento de que essa busca não agregava a todos, como de regra, esta tentativa de transformar o Brasil em uma possível Nova Lusitânia, era apenas partilhada pela parcela da população branca de origem Portuguesa.

³ Sobre a escravidão e a moradia escrava vide estudo anterior: “O quadro feitor castigando escravo: uma proposta de estudo e de ensino”. In. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=31>

A modificação da paisagem natural, como a implantação de novas plantas no continente e a utilização de antigas ervas lusitanas importadas era uma prática comum entre os reinóis, assim como a grande importação de artigos alimentícios durante o primeiro século da colonização com uma dieta à base de trigo, vinho e azeite. A utilização do vestuário pesado europeu era bastante vigente e acentuará com isso a importação da seda, sendo esse um material que adaptar-se-ia melhor às altas temperaturas desta parte do mundo.

A Igreja por sua vez, tinha papel de extrema importância, pois tentava perpassar o discurso dos colonizadores para os autóctones, que, por sua vez, nem sempre correspondiam com a forma desejada, mantendo seus modos de vida anteriores à presença européia. Esse contato: colonizadores X autóctones durante os primeiros séculos da colonização, influenciará não só os nativos como também os que aqui chegavam. Será percebido isso em algumas de suas práticas cotidianas como a alimentação que terá acrescentado em seu “menu” alguns produtos de origem tropical como a mandioca, o ananás (abacaxi), o maracujá e o caju, evidenciando assim uma interação cultural e não apenas uma imposição de um sistema cultural inflexível.

Mesmo tendo como fontes desse conhecimento alguns escritos deixados pela minoria letrada da elite colonial, podemos perceber que esse modo de vida não era adotado por toda a população, em especial os índios, mestiços e os negros.

Para Foucault, segundo análise feita por Barros (2005, p. 135) “não é a própria sociedade que constitui a realidade a ser estudada, mas sim os discursos que ela produz ou então suas práticas”. Isso pode explicar o porquê dos discursos que chegaram até nós, estarem tão implícitas as preferências por um modo “metropolitano” de viver. Evaldo Cabral de Mello pode mostrar um pouco disso quando nos escreve dizendo que as vilas ainda eram arraigadas às mentalidades reinóis, sendo perceptível também nas relações de trabalho onde a mão-de-obra escrava estava expelida para as plantações de cana-de-açúcar e excluída das áreas urbanas.

A vila pertence aos reinóis e seus descendentes, cujo serviço doméstico está freqüentemente a cargo de índias e mamelucas, sem falar em que certas atividades subalternas eram monopolizadas por imigrantes portugueses do sexo masculino antes de serem relegadas no século XVII aos escravos ou à população mestiça de ambos os sexos [...] (MELLO, 2000, p.82).

Quanto à mentalidade da população deste período, podemos por intermédio da icnografia ter uma noção da dificuldade de adaptação por parte dos colonizadores e também dos autóctones. A todo tempo faziam críticas ao modo de vida nativa, relegando-os a incapacidade, já que era inconcebível para os que aqui chegavam o desprezo que os oriundos da terra tinham à propriedade privada e ao lucro. Já os indígenas e mamelucos resistiam às tentativas de “persuasão cultural” agindo muitas vezes “contra a lei”. Este ato era mal visto pelos portugueses que criticavam asperamente as resistências e insistiam para que a coroa acrescesse a fiscalização a fim de submeter os bárbaros à civilidade.

Essas tentativas de europeizar o continente e seus habitantes podem ser bem trabalhadas com a utilização de imagens. Pois podem recompor o imaginário da época, já que nela encontram-se vários aspectos relevantes para uma análise mais coesa e mais próxima à “realidade vivida”. Ao professor cabe levar os alunos a uma análise não apenas do que se vê, mas toda a complexidade da produção da obra a ser avaliada.



© Rijksmuseum Amsterdam.

Figura 3. Vila de Pernambuco por Franz Post
Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>

A partir da figura 3 pode-se ter uma maior compreensão da imagem criada e dos elementos representados por Franz Post no período em que residiu em Pernambuco. Nela pode-se analisar as modificações nas estruturas naturais e também nas estruturas criadas pelos colonos desde o início da colonização, percebe-se também a sensibilidade do autor ao retratar algumas relações sociais e o cotidiano das classes subalternas.

Em primeiro plano temos um abacaxi, fruta da terra que foi bem quista pelos colonos e logo utilizado como mercadoria pelos mesmos.

Observando mais a imagem, constatamos a presença de alguns animais da fauna brasileira como o tatu e a cobra e também a presença do coqueiro, na lateral esquerda da imagem. O coqueiro, fruto nativo da Índia foi trazido pelos lusitanos para suas outras colônias para servir de instrumento de demarcação de território aparece do lado esquerdo em meio à vegetação natural. Outros coqueiros seguem dispostos próximos às casas e estruturas – igreja e casas – feitas pelos colonos, isto evidencia a interferência do europeu, sobretudo na flora brasileira. Como planta vinda de outro continente, e aqui adaptada, os coqueiros aqui representados nos apontam para o tempo cronológico em que a presença européia se faz sentir em terras tropicais. Pela altura dessas árvores, e sabendo-se que para atingir esse tamanho levam-se anos, deve o professor chamar atenção da turma para o fato de que a presença de povos do Velho Mundo já tinha várias décadas na América tropical.

Ainda do lado esquerdo da imagem nota-se a presença de dois animais da fauna brasileira: o tatu e a cobra situados em meio da mata ali representada. Tais representações tinham grande valor simbólico, já que o imaginário no início da expansão marítima era permeado por animais exóticos, habitantes dos “mares distantes”, local temeroso e desconhecido.

Essa representação também pode ter outra avaliação, já que estamos tratando de Brasil no século XVII, ainda com características muito “selvagens” para um europeu. Esta imagem – a cobra e o tatu – co-relacionada com os outros elementos que completam o quadro, nos leva a refletir que fora assim dispostas para apresentar ao europeu da época – público alvo da obra – a cosmovisão de um Brasil ainda em construção, passando de um período pré-histórico, “selvagem”, para a modernidade “civilizada”.

Já nas estruturas aqui representadas, nota-se um avanço no modo de construção, abandonando as antigas formas de construção como a taipa, adotada no início da colonização

e passando a optar por construções mais sólidas, sendo as casas feitas provavelmente por tijolos e telhas. A maioria das representações de moradias está com dois pisos o que proporciona uma possibilidade de análise sobre a família, número de filhos e a estrutura em que se organizavam. Desta forma possibilita-se também uma idéia sobre a demografia destas vilas.

Nesta imagem também se faz presente a representação religiosa, com a sua estrutura bem mais trabalhada arquitetonicamente do que as demais construções, o que evidencia o poder institucional e a importância desta para a comunidade e para a empresa colonial, pois como afirma Furtado em seu livro, *Cultura e Sociedade no Brasil Colônia*:

Católicos praticantes, devotos e temerosos a Deus, afirmavam que tudo “começa com Deus e é dominado por Ele”: a chegada de uma nau em segurança ao porto, o sucesso na colheita de cana, a descoberta de ouro ou pedras preciosas, a saúde, a riqueza, a manutenção da vida longe dos perigos, tudo era obra da graça divina. (p.14, 2000)

O pintor propõe ainda algumas relações sociais, que podem ser evidenciadas nos personagens situados em primeiro plano. Três indivíduos constroem a primeira cena, eles parecem manter um diálogo. Evidencia-se ainda que dois destes se diferenciam de um indivíduo que completa a roda de diálogo. Assim seguindo as análises proposta por Mello, que no século XVII “as atividades subalternas (...)” eram “relegadas (...) aos escravos e população mestiça [...]” (MELLO, 2000, p. 82) não mais pelos colonos como era no século XVI – podemos observar as vestimentas de dois indivíduos, que possuem um traje diferenciado do personagem que participa da cena.

Trajando camisas de manga longa e um tipo de avental – que parece ser de couro – e um pano branco amarrado na cabeça como um turbante, pode-se constatar que estes possuíam um ofício especializado, podendo estar locados na vila pelos dotes desenvolvidos. O outro cativo está diferenciado dos dois primeiros, pois tendo seu dorso descoberto e apenas um calção de algodão cru, provavelmente era utilizado para trabalhos “mais pesados”. Ambos descalços seguindo o princípio dos cativos, ainda entre eles encontra-se uma cesta o que evidencia que estavam em seu momento de labuta.

A indumentária era uma forma muito utilizada pela sociedade colonial para distinguir as classes que a formavam, estas roupas deveriam simbolizar a posição social que cada indivíduo ocupava dentro da empresa colonial.

Em frente à igreja podemos identificar outro cenário social em que um negro com as vestimentas simples de trabalho diário, também com o dorso exposto, parece acompanhar a senhora que mantém um possível diálogo com o eclesiástico que completa a cena. Vale salientar a importância da igreja no cotidiano dos colonos, onde exercia uma grande influência na vida pública e particular dos indivíduos.

Os atores do plano de fundo da imagem constituem-se em “escravos rurais” e uma mulher – também escrava – que leva na cabeça uma trouxa de roupa, lavada no rio que está ao fundo da tela completando o cenário natural.

Os rios tiveram relevante importância para o estabelecimento de vilas, pois era essencial haver água potável para uso comum. Esse fator pode ser bem observado no processo de interiorização do Brasil, com entrada ao sertão sendo feita através dos cursos dos rios da região.

Os elementos ressaltados pelo autor, como uma maioria negra e mestiça, animais e plantas exóticas – como o abacaxi e mais familiares aos colonos como os coqueiros–, perpassam a idéia de um novo mundo em construção, em uma “inter-relação cultural”, demonstrando a passagem de um mundo selvagem à civilidade, conservando as bases e normas sociais cristãs, uma das prioridades da empresa colonial.

Com tais possibilidades de análise, o professor tem assuntos variados para trabalhar com o quesito imagens em sala de aula, podendo tornar o momento em sala de aula rico na busca de significados para os elementos representados nas obras a serem analisadas. Trabalhar esses sentidos em sala de aula, desperta no educando o interesse pela disciplina e leva-o a desenvolver uma consciência analítica, sabendo conceituar o valor de cada elemento e o que este elemento representa para cada período.

Esta compreensão torna-se mais fácil principalmente nas obras em que o autor está inserido na realidade do período (como no caso do Franz Post, que retratou Pernambuco durante uma visita ao local), e que mesmo atendendo a demanda daquela obra, acaba situado dentro do contexto e representando alguns significados como um homem de sua época.

As obras plásticas desse holandês, inseridas em seu tempo/espaço, expõem múltiplas cenas do que viu como um exótico cotidiano vivido por personagens típicos. Suas pinturas relatam coisas do dia-a-dia presenciado por ele próprio e não meras histórias contadas por viajantes.



Figura 4: vila e pessoas

Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>

Um dos pontos de destaque de Post, e que se pode perceber na figura 4, diz respeito à demografia. Pessoas, casas e manifestações da época se fazem presentes na imagem acima. Um painel demográfico bem rico e variado, pois:

O moderno desenho de pesquisas demográficas, que têm por intuito condensarem todo um universo populacional a partir do menor número possível de casos, desenvolveu-se sobre a dinâmica entre o conhecimento estatístico acumulado e a prática de campo das pesquisas. Após curto tempo vivido em Pernambuco, Franz Post pôde demonstrar, neste e em outros quadros, que um aguçado espírito de observação também terá sido suficiente para construir amostras fieis ao universo humano que havia presenciado. (MOURA FILHO 2006, p. 01)

O item apontado na citação acima será melhor desenvolvido com a análise que se segue.



Figura 5: Casal de índios; Casal de brancos; Preto e mulata; Soldado mulato ou mameluco e soldado branco.
Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>

A aparente diferença dos sexos foi uma marca bem forte nesse período, principalmente no que se refere às vestimentas, com exceção de algumas índias (que apareciam nuas), demais mulheres compunham-se de longos vestidos, homens pretos e índios comumente de dorso nu e brancos e mulatos vestidos à européia.

A figura 5 também salienta personagens típicos da América portuguesa sobre domínio batavo. Roupas holandesas, como apresentadas no último quadro caminham lado a lado daquelas oriundas da moda lusitana do período. Moda e colonização eram itens que caminhavam juntas.



Figura 6. Carro de bois e casa.
Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>



Figura 7. Detalhe da imagem, casario.

Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>

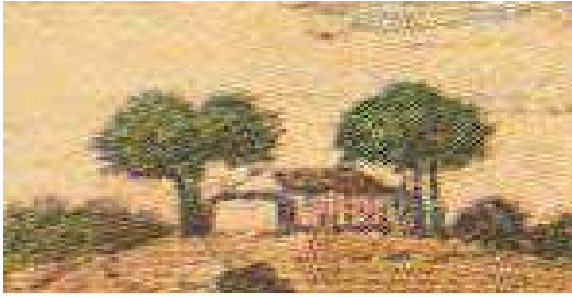
Nas figuras 6 e 7 destacam-se paisagens, construções e pessoas. É uma paisagem mais detalhada da vila apontando peculiaridades locais. Em primeiro plano à direita, nota-se o carro de bois e alguns trabalhadores, que também podem ser escravos. À esquerda, uma grande rocha, com pequenas quedas d'água e sobre a mesma um conjunto de vegetais diversos.

O rio também aparece em primeiro plano, sua importância enquanto via de transporte, fornecimento de água para animais e para moinhos, além de servir para banho e consumo é inata para o desenvolvimento colonial. A ausência de grandes matas e grandes árvores demonstra o avanço da cultura canavieira sobre as terras colonizadas.



Figura 8: construções em destaque.

Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>



Ícone 2 (casa na colina).



Ícone A1 (igreja – possível matriz).



Ícone B (convento).



Ícone C (casa do governador).

A figura 8 e seus itens destacados demonstram construções e a transformação cultural que se evidenciou na América portuguesa a partir do processo de colonização iniciado no século XVI. Afinal:

Esta imagem tem como elemento marcante a extensa paisagem em tons de verde que dá ao quadro uma grande sensação de profundidade. Em primeiro plano estão algumas pessoas, porém não é possível identificar quais suas atividades realmente, pois a pintura está um pouco deteriorada nessa área... Há uma faixa em tom verde escuro logo atrás das pessoas, possivelmente algumas árvores. Também está representador rio que se estende até a linha do horizonte. Esta pintura, diferente das outras vistas, não possui um elemento vertical em uma das extremidades. Dessa forma, a horizontalidade domina por completo a cena... À esquerda, um pouco acima do rio, há um agrupamento de construções, provavelmente a vila de Sirinhaém. A imagem não permite que se identifique claramente como são as edificações, apenas que algumas são alongadas, podendo ser, no entanto, algumas casas justapostas como casas geminadas. O relevo é predominantemente plano, mas podem ser vistas algumas pequenas elevações, a maior delas à esquerda, próxima ao povoado.” (MENEZES 2009, p. 561).



Figura 9. Vilarejo em Sirinhaém.
Fonte: LAGO, 2006, P. 364.



Figura 10. Detalhe da figura 26. Edificação semelhante a uma capela.
Fonte: LAGO, 2006.



Figura 11. Detalhe da figura 26. possível casa do governador em primeiro plano e, acima, o convento franciscano.

Fonte: LAGO, 2006.



Figura 12. Detalhe da vista Sirinhaém, aparência semelhante entre as edificações.

Fonte: LAGO, 2006.

As figuras 09, 10, 11 e 12 trazem consigo elementos indicativos da vida e do mundo holandês em terras lusitanas. Aqui destacam-se ruas, casas e pessoas que servem como material para indicar a diversidade e o processo de transformação do mundo americano em conformidade com o padrão cultural europeu, ainda que mantendo traços e características tropicais. Afinal:

As vistas produzidas por Franz Post, por mais que contenham uma carga simbólica característica de formas de representação do autor e de uma época, constituem belíssimas representações documentais do Brasil no século XVII (MENEZES 2009, p. 565).

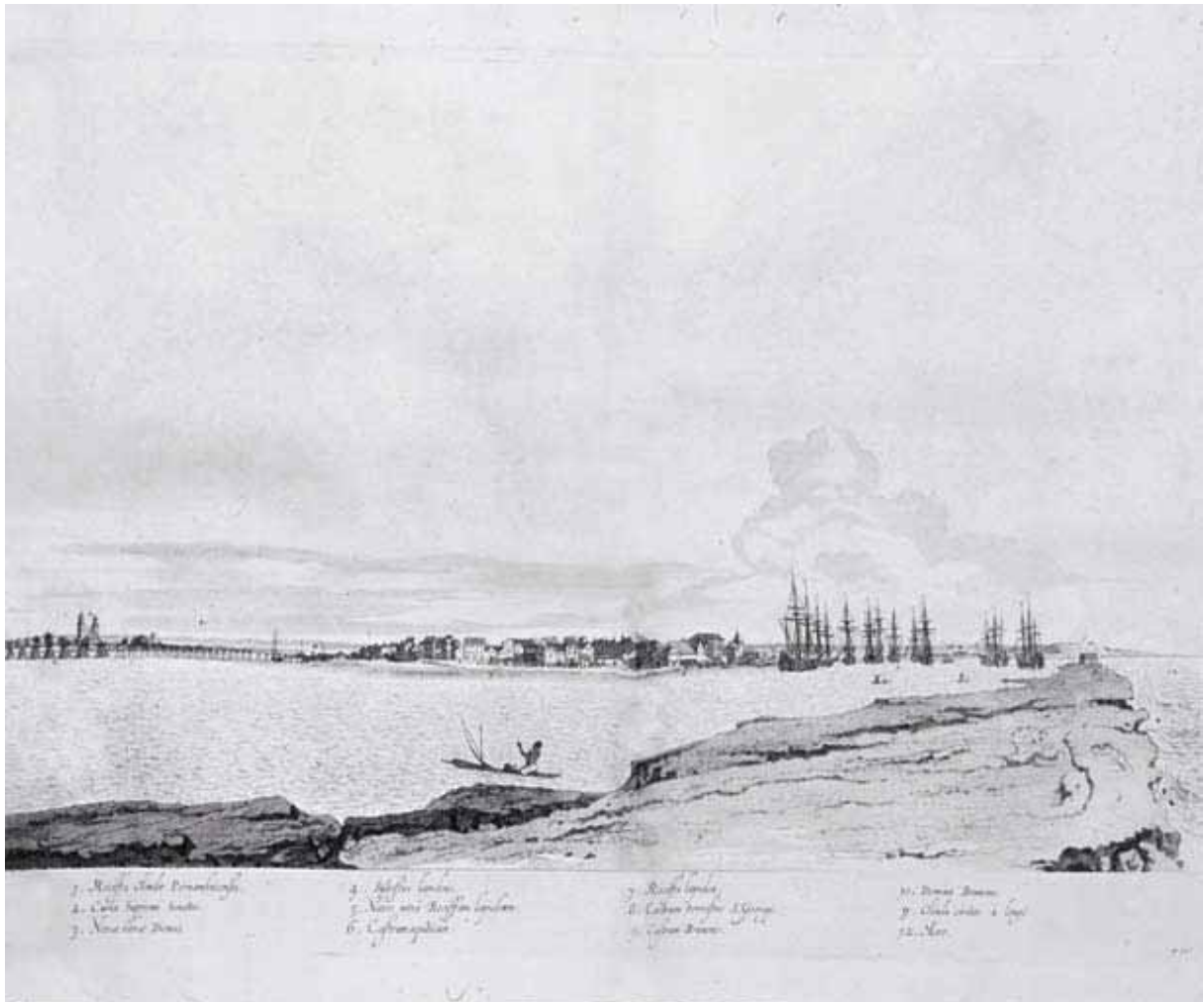


Figura 13: Cidade Maurícia e o Recife (Mauritiopolis) | 1645, gravura em metal
Fonte????????????????

A figura 13 destaca a movimentação do Porto de Recife (Mauritiopolis) é um ponto culminante das primeiras propostas administrativas de Nassau, pois, este transporte até então servia de ante porto para Olinda, principal cidade antes da chegada do Governante holandês.

Nota-se também três pessoas a oferecer serviços de balsa, oferecia-se através desta, inicialmente, a defesa da praça contra os ataques lançados pelos luso-brasileiros da margem oeste do Capibaribe, isto é, do que será o bairro da Boa Vista, “contra eles é que se edificara a muralha que, do forte Ernesto, erguido em torno do convento de Santo Antônio, ao norte da ilha, alcançava o forte das Cinco Pontas, ao sul.” (MELLO 2006, p. 94).



Palácio Boa Vista | 1645 gravura em metal.

O palácio Boa Vista, imensa fortificação na baía da Cidade Maurícia, arquitetada para modo de proteger a região recém firmada por Nassau. Consta-se que o holandês havia construído, de acordo com sua vontade e constate fiscalização, um outro monumento num sitio não muito distante dali. Cansado dos negócios públicos, ele ocupava suas horas vagas para momentos de descanso. Usada como residência secundária, pois o governante não podia se ausentar por muito tempo de sua gerência, e vale aqui lembrar que apesar de criar uma estrutura política com os moradores, aparentemente sólida, a passividade de ataque por conta da Coroa Portuguesa era totalmente aparente. Por isso, não a toa era sua localização,

La Fontaine, situada no atual bairro das Graças e próxima a uma aldeia de índios que levava seu sobrenome, portanto na área continental do Recife. Nas suas pesquisas relativas às edificações nassovianas, J. J. Terwen deparou, num códice reunido por Nassau, com a planta de uma ‘casa tropical fortificada’, provavelmente La Fontaine, cujo projeto, a seu ver, seria do próprio governador... (MELLO 2006, p. 95).

Nota-se que a imprescindível retirada para o interior da cidade foi necessário para obter alguma “paz”, porém a eminente expectativa de um ataque o fez projetar uma área de

descanso fortificada, analisa-se também a proximidade com os indígenas, uma das conquistas de Nassau.

Findando-se sob as análises iconográficas, elas promovem junto ao aluno o conhecimento e a visão de outras eras. As imagens não podem ser meras figurinhas de livros ou revistas, devem ser analisadas tanto pelo historiador quanto pelos seus aprendizes, levando em conta o velho ditado em que uma imagem vale mais que mil palavras.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no atlântico sul.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARROS, José D'Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. **Saeculum.** João Pessoa, n. 12, p. 128-141, jan-jun 2005.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Cultura e sociedade no Brasil Colônia.** São Paulo: Atual, 2001.

MELLO, Evaldo Cabral de. Uma nova Lusitânia. In. MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem Incompleta: a experiência brasileira: formação: histórias.** São Paulo: SESC/SENAC, 2000. v. 1.

_____. **Nassau Governador do Brasil holandês.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MENEZES, Catarina Agudo. **Fragmentos visuais da história: o uso das vistas de Franz Post nos estudos de história urbana.** Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/.../pdf/Menezes_Catarina%20Agudo.pdf> Acesso em 28 abr 2010.

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. **Demografia da Cidade Mauricia, segundo Franz Post .** Disponível em:

<http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/.../1208619587_ARQUIVO_HeitorMoura-DemografiadaCidadeMauricia3.pdf> Acesso em 13 out. 2010.

ESPAÇO cultural BM&F Bovespa. Disponível em:

<<http://www.bmf.com.br/portal/pages/Cultural/.../FranzPost/catalogo.pdf>> Acesso em 13 out. 2010.